

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 14/02/2022.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Jesyka Leticia Lemos Jaqueta

Dona Carochinha:

Origens e Permanências

São José do Rio Preto

2020

Jesyka Leticia Lemos Jaqueta

Dona Carochinha:

Origens e Permanências

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Nilce M. Pereira

São José do Rio Preto

2020

J36d

Jaqueta, Jesyka Leticia Lemos

Dona Carochinha : Origens e Permanências / Jesyka Leticia Lemos

Jaqueta. -- São José do Rio Preto, 2020

127 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto

Orientadora: Nilce Maria Pereira

1. Dona Carochinha. 2. Dona Baratinha. 3. Literatura infantil
brasileira. 4. Figueiredo Pimentel. 5. Ana Maria Machado. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Jesyka Leticia Lemos Jaqueta

Dona Carochinha:

Origens e Permanências

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Nilce M. Pereira

UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Orientadora

Prof. Dr. Alvaro Luiz Hattner

UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Paula Godoi Arbex

Universidade Federal de Uberlândia

São José do Rio Preto

14 de fevereiro de 2020

A Jacyra Garcia Lemos — minha avó Carochinha, dona das mais inventivas histórias, que tornaram mais alegres os meus dias bons e suportáveis os que não deveriam ter passado de ficção — e a seu pai, José Linares Garcia, bisavô, que, segundo reza a lenda, era “animador de velório” — aquele que narrava “mentiras” por toda a noite, distraindo e fortificando os ânimos dos que velavam seus mortos. Igualmente, a Helena Bonfante Lemos (*in memoriam*), José Waldomiro Lemos – Vô Zezão (*in memoriam*), Iracema Ferreira Jaqueta e José Aparecido Jaqueta, por sempre me encantarem com as narrativas do passado! Para mim e minha família, histórias serão sempre isso: meios de sobrevivência à feiura do mundo.

A Laura Lemos Jaqueta (*in memoriam*), Marcio Luis Jaqueta, Renan Breno Lemos Jaqueta, Aparecido Lemos e Valéria Aparecida Pereira Lemos (*in memoriam*), cujas presenças — e ausências — me ensinam a viver e a ser.

AGRADECIMENTOS

A toda a minha família, que esteve comigo durante todo o tempo e compreendeu meus “sumiços” para me dedicar ao mestrado. Em especial, a meu pai, meu irmão e meu padrinho, Marcio Luis Jaqueta, Renan Breno Lemos Jaqueta e Aparecido Lemos, minhas inspirações e fortalezas;

À minha orientadora, Profa. Dra. Nilce M. Pereira, que me apoiou, ensinou e incentivou, durante todo o processo e para além dele. Sou grata à Vida por termos nos encontrado;

Aos professores-doutores Alvaro Luiz Hattner, Gentil Luiz de Faria e Paula Godoi Arbex, integrantes das bancas do Exame de Qualificação e Defesa. Muito obrigada pela leitura atenta do trabalho e suas ricas considerações;

Ao Ibilce, instituição que amo e admiro, e a todos os seus prestativos funcionários;

À Secretaria Municipal da Educação, na figura da Sra. Secretária, Professora Sueli Petronília Amâncio Costa, que permitiu a mudança de meus horários para que cursasse as disciplinas do mestrado e autorizou dispensas de pontos para a minha participação em eventos acadêmicos. É uma honra trabalhar em um local onde aprendo e sou incentivada a melhorar a cada dia;

A todos os alunos e funcionários das escolas em que já trabalhei, em especial, à minha escola anterior, EM *Prof. Cleophas Beltran Silvente* e à minha escola atual, EM *Prof. Daud Jorge Simão*. Sou grata por tudo o que me ensinam e pelo tanto que me motivam a continuar lutando por uma Educação justa, pública, antiautoritária e de qualidade;

A todos os meus amigos que me incentivaram a trabalhar pelo título de mestre e a cada um que, a seu modo e a seu tempo, contribuiu para a realização de minha pesquisa, em especial: Andreia Barbosa, Camila Olivia de Melo (Puni), Cristiane Garcia da Costa Armentano, Daiane de Cássia Martins Fazan, Denise Beatriz Rack de Almeida, Edna Carla Stradioto, Fabio Eugenio dos Santos, Fernando Roberto Hebler Andrade, Gabriela Fardin Fernandes, Jean Carlos Carniel, Laís Midori da Silva, Manoela Caroline Navas, Maria Abadia Ferreira da Costa, Moisés Baldissera da Silva, Rafael Aparecido Monpean, Tamires Morete Andrade e Tatiane Pereira de Souza.

*Estas estorinhas, sem princípio nem fim.
Estórias de Carochinha, edição antiga, desenho antigo, preto e branco. [...]
Minhas estórias da Carochinha, meu melhor livro de leitura,
capa escura, parda, dura, desenhos preto e branco.
Eu me identificava com as estórias.
Fui Maria e Joãozinho perdidos na floresta.
Fui a Bela Adormecida no Bosque.
Fui Pele de Burro. Fui companheira de Pequeno Polegar
e viajei com o Gato de Sete Botas. Morei com os anõezinhos.
Fui a Gata Borracheira que perdeu o sapatinho de cristal
na correria da volta, sempre à espera do príncipe encantado,
desencantada de tantos sonhos
nos reinos da minha cidade.*

Cora Coralina (2013, p. 38)

RESUMO

Este trabalho trata de Dona Carochinha e sua relação com a história da literatura infantil brasileira. Dona Carochinha é uma conhecida personagem dos contos infantis, cuja história é bastante adaptada e reescrita. No Brasil, além de ser conhecida como a Baratinha que queria se casar e, por azar, escolhera um noivo que morreu no dia do casamento, é também associada a uma contadora de histórias. Encontrando-se no país desde o primeiro livro infantil publicado, há mais de cem anos, até os dias de hoje, a personagem foi-se modificando e adaptando-se a diferentes épocas e sistemas semióticos, para conseguir manter-se viva e renovada. Considerando a importância de Carochinha e de sua história para a literatura infantil brasileira, este trabalho realiza um levantamento sobre sua inserção e permanência no Brasil, sua relação com as diferentes fases históricas desse gênero e os diferentes modos de representação da personagem e de sua fábula. São dois os métodos de análise utilizados na pesquisa: o descritivo e o comparativo.

Palavras-chave: Dona Carochinha; Dona Baratinha; literatura infantil brasileira; Figueiredo Pimentel; Ana Maria Machado

ABSTRACT

This work addresses the character Dona Carochinha and her relationship with the history of Brazilian children's literature. Dona Carochinha is a very well-known character of children's tales, as the amusing sharp-witted cockroach who wished to get married but, unluckily, chose a groom who died on their wedding day. Particularly in Brazil, she is also known as a storyteller. She has been part of Brazilian popular culture for over a hundred years, since the appearance of what is celebrated as the first published children's book. Because she has also been modified and adapted to different media and semiotic systems, she has remained alive and updated in the minds of readers of all times. Considering the relevance of Carochinha and her story to Brazilian children's literature, this work maps her inclusion and permanence in Brazil, her relationship with different historical phases of the genre and the different ways she/her story has been represented in these cultural systems. Two methods of analysis are mostly used: description and comparison.

Keywords: Dona Carochinha; Dona Baratinha; Brazilian children's literature; Figueiredo Pimentel; Ana Maria Machado

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. Origens: os múltiplos papéis de Dona Carochinha e sua relação com a formação da literatura infantil brasileira.....	13
2.1. Dona Carochinha: a barata mais famosa do mundo.....	13
2.2. A origem imprecisa de Carochinha e sua presença nas primeiras manifestações da literatura infantil brasileira.....	26
2.3. Dona Carocha em Monteiro Lobato: modernização da literatura infantil brasileira.....	34
3. Permanências: E não é que Carochinha também fugiu dos livros?	42
3.1. Um caso à parte: tradição e modernidade nas Carochas da revista <i>O Tico-Tico</i> ..	42
3.1.1. Dona Carochinha enquanto contadora de histórias e enquanto gênero textual e/ou seção da revista <i>O Tico-Tico</i>	44
3.1.2. As reescrituras da fábula de Carochinha n' <i>O Tico-Tico</i>	48
3.2. Segunda metade do século XX até os dias de hoje: o <i>boom</i> de Carochinha	64
4. Tradições, Rupturas e Cânone: As Carochinhas de Adolfo Coelho, Figueiredo Pimentel e Ana Maria Machado.....	71
4.1. As reescrituras como meios de permanência para Carochinha	71
4.2. O lenga-lenga despudorado em Adolfo Coelho, o moralismo em Figueiredo Pimentel e a libertação da mulher em Ana Maria Machado.....	73
4.3. Representações visuais de Dona Carochinha em Pimentel e em Machado: da negação à aceitação da condição animal.....	85
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	100
ANEXO A – “História de D. Carochinha” - Figueiredo Pimentel.....	106
ANEXO B – “História da Carochinha” (dueto) – M. Maia.....	109
ANEXO C – Poema “História da Baratinha”, de Lafayette Silva	110
ANEXO D – Poema “História da Baratinha”, de Carlos Manhães	111
ANEXO E – HQ “A História de Dona Baratinha” – Autoria desconhecida	112
ANEXO F – Conto “A Baratinha, Viúva de D. Ratão”, de A. Rocha	114
ANEXO G – “História da Carochinha”, de Mauricio Maia	115
ANEXO H – “História do Irmão de João Ratão”, de J. Reporter (1918)	116
ANEXO I – “O Casamento de D. Ratinho”, conto de Carlos Manhães (1920)	118
ANEXO J – “D. Ratão” (1926)	119
ANEXO K – “História da Carochinha” (1932)	120
ANEXO L – “História da Carochinha”, de Trancoso.....	121
ANEXO M – “Historia da Carochinha” – Adolfo Coelho	122

1. INTRODUÇÃO

Dona Carochinha é uma personagem dos contos infantis, cuja história é bastante adaptada e reescrita. No Brasil, além de ser conhecida como a Baratinha que queria se casar e, por azar, escolhera um noivo que morreu no dia do casamento, é também associada a uma contadora de histórias. Considerando a importância dessa personagem e de sua história para a literatura infantil brasileira, este trabalho realiza um levantamento sobre a inserção e a permanência de Carochinha no Brasil, sua relação com as diferentes fases históricas desse gênero e os diferentes modos de representação da personagem e de sua fábula.

São dois os métodos de análise utilizados nesta pesquisa: o descritivo e o comparativo. O descritivo é utilizado principalmente nos dois primeiros capítulos, onde se realiza um breve panorama histórico da presença de Dona Carochinha na produção literária e cultural para crianças. No primeiro capítulo, a princípio, apresentam-se os diferentes papéis que Carochinha representa na cultura brasileira, sendo eles: a) personagem principal da fábula que narra sua frustrada tentativa de casamento com o Sr. Ratinho; b) o arquétipo de contadora de histórias; c) nome de um gênero textual, sendo a expressão “contos da carochinha”, e suas variantes, sinônimo de “contos de fadas”, “contos maravilhosos” e outras narrativas provindas da tradição oral; e d) a expressão linguística “história/conto da Carochinha”, e suas variações, que é sinônimo de mentira, enganação, “história para boi dormir”, etc. Nesse capítulo também são discutidas algumas possibilidades sobre a origem da fábula de Carochinha e sua presença nos primórdios da literatura direcionada às crianças brasileiras. Para finalizar, apresenta-se a Dona Carocha, de Monteiro Lobato, autor que representa o florescimento de um segundo período na história da literatura infantil nacional.

No segundo capítulo, são descritas as aparições de Carochinha e sua fábula na primeira revista infantil a se consolidar no mercado editorial brasileiro, *O Tico-Tico*, regularmente publicada durante a primeira metade do século XX. Propõe-se uma classificação das manifestações de Carochinha na revistas nos seguintes grupos: a) Dona Carochinha enquanto contadora de histórias; b) Carochinha enquanto gênero textual e/ou seção da revista; c) reescritura do enredo clássico da história de seu casamento, com mudança no gênero textual; d) reescritura do enredo clássico tendo o Ratinho como protagonista; e) sequência da história; f) derivação do enredo clássico com situação de casamento de familiares de Carochinha e Ratinho; g) referência à história, tendo outra Carochinha ou outro Ratinho como protagonistas; e h) Dona Carochinha e Ratinho em outro contexto. Na segunda parte do capítulo discute-se a presença de Carochinha em uma variedade de livros, a partir da segunda metade do século XX

até os dias de hoje, e suas adaptações para outras mídias, como peça de teatro, áudio-livro, série televisiva etc.

A análise comparativa expande-se no terceiro capítulo onde são cotejadas três versões da fábula sobre o casamento de Carochinha, procurando evidenciar as contribuições de cada autor para as diferentes representações da personagem e dos episódios do conto. A primeira é a de Adolfo Coelho, português, publicada em 1879, na compilação *Contos Populares Portugueses*, lançada poucos anos antes da primeira versão brasileira encontrada por meio desta pesquisa. A segunda reescritura a ser analisada é “História de D. Carochinha”, possivelmente a primeira versão brasileira, escrita por Alberto Figueiredo Pimentel e publicada em *Contos da Carochinha* em 1894. Neste trabalho, será utilizada a 25ª edição, de 1958 que, em seu prefácio, traz a informação de que, da primeira até essa edição, houve aumentos, revisões e reformas. Numa pesquisa em jornais da época, apurou-se que o conto tinha como título “A Baratinha que se Casou com o Sr. Ratinho” até, pelo menos, a décima oitava edição, sendo posteriormente modificado para “História de D. Carochinha”. A terceira versão a ser analisada no 3º capítulo, *Dona Baratinha*, é de uma das mais importantes escritoras brasileiras de obras infantis da atualidade, Ana Maria Machado, publicada inicialmente em 1996 e reeditada com ilustrações diferentes em 2002 e 2004. A análise comparativa realiza-se quanto ao suporte e à forma e quanto aos seguintes pontos do enredo: a atitude tomada pela personagem ao encontrar dinheiro, enquanto varre sua casa; como se porta quando vai à janela procurar por um marido; como são apresentados os pretendentes e o modo como Carochinha os rejeita; a organização da festa de casamento com Ratinho; a reação de Carochinha ao suposto abandono no altar; a reação da personagem quando descobre que Ratinho falecera e, por fim,, a maneira como cada Baratinha lida com sua autoimagem.

As principais referências teóricas que embasam o levantamento histórico e crítico da literatura infantil brasileira são as pesquisas de Leonardo Arroyo (1968), Marisa Lajolo (1987; 1988; 2017), Regina Zilberman (1987; 2017), José Nicolau Gregorin Filho (2009), Nelly Novaes Coelho (1983; 1991; 2000) e Ana Maria Machado (2003). Quanto aos estudos relacionados às questões de adaptação e reescrituras, recorre-se, principalmente, a Linda Hutcheon (2013) e André Lefevere (1992^a; 1992^b; 2000). Para embasar as análises das imagens, foram consultadas obras de Perry Nodelman (1988), Rudolf Arnheim (1974), Edward Hodnett (1986), dentre outras. Além disso, boa parte da pesquisa utiliza-se de fontes diretas como o acervo digitalizado da revista *O Tico-Tico*, da *Revista do Brasil* e de outros antigos jornais, além dos livros de Figueiredo Pimentel, Ana Maria Machado, Adolfo Coelho, Monteiro Lobato e outros.

Neste trabalho, a personagem é evocada, alternadamente, por uma gama de nomes a ela atribuídos, nas fontes consultadas, sendo eles: Dona Carochinha, Carochinha, Carocha, Dona Baratinha, Baratinha e Barata. De igual modo, seu noivo será tratado por Rato, Ratinho, Sr. Ratinho, Dom Ratinho, Dom Ratão e João Ratão. Quanto à linguagem, boa parte das citações utilizadas, no original, está escrita em português antigo. Para evitar que a compreensão do conteúdo fique prejudicada, optou-se por atualizá-las às normas ortográficas vigentes. O que estiver escrito em português de Portugal será mantido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte do trabalho, Dona Carochinha foi apresentada, numa exposição de sua natureza diversa e multifacetada. Carochinha, na fábula clássica, era uma baratinha que queria se casar, mas levou um duro golpe ao ficar viúva no dia do casamento. Apesar de a origem mais provável da entrada da fábula, no Brasil, ser pela via dos colonizadores portugueses, a fábula pode ser encontrada em diferentes culturas, sendo impossível precisar sua origem. Numa antiga versão portuguesa, por exemplo, uma senhora apelidada de “Caroxinha” fica viúva e passa a contar histórias para as vizinhas. No Brasil, também continuou conhecida como uma contadora de histórias, de modo que seu nome passou a ser metonimicamente nomenclatura para todas as narrativas que contava e, sendo elas as mais fictícias e mágicas, alcançou o *status* de expressão linguística, que se popularizou no Brasil, inclusive no contexto político. Desse modo “contos/histórias da Carochinha” são utilizadas tanto como sinônimo de contos populares/de fadas, quanto para designar aquilo que é falso, mentiroso ou fantasioso.

A primeira reescritura da fábula de Carochinha foi publicada no Brasil em 1894, naquele que é considerado o primeiro livro infantil brasileiro, *Contos da Carochinha*, de Alberto Figueiredo Pimentel. O livro conta com outras histórias provindas da tradição oral europeia e faz parte de um projeto da Editora Quaresma para publicar essas histórias em linguagem abasileirada, com objetivo de popularizar a literatura infantil no país, uma vez que, antes disso, esse gênero somente chegava por aqui via edições portuguesas, em uma linguagem já distante da que se falava no Brasil do fim do século XIX. Apesar das inovações da linguagem e a independência parcial do mercado editorial português (parcial, pois, no início, os livros infantis escritos em solo brasileiro eram impressos em Portugal), o livro tinha uma declarada intenção moralizadora e potencialmente pedagógica.

Além de estar presente no livro de fundação da literatura infantil brasileira, Carochinha esteve presente na obra do autor que inaugurou a segunda fase do gênero, Monteiro Lobato. Na década de 1920, Lobato lançou *A menina do narizinho arrebitado*, que foi revisado, aumentado e relançado em 1931 com o título *As reinações de Narizinho*. Nele, Carochinha não é uma boa senhora contadora de histórias, nem uma baratinha simpática, que ficara viúva no dia do casamento, mas a antagonista, que proíbe as personagens dos contos maravilhosos tradicionais de viverem novas aventuras no Sítio do Pica-Pau Amarelo. Assim sendo, em Monteiro Lobato, Carochinha representa tudo o que a literatura infantil tinha de antigo e que o autor se propôs a modernizar.

A segunda parte do trabalho continuou mostrando as aparições de Carochinha na história da literatura brasileira para crianças, começando pela revista *O Tico-Tico*, publicada durante a primeira metade do século XX, que reescreveu a personagem de diferentes maneiras, colocando-a como contadora de história, fazendo referências e recontando sua fábula de diversas maneiras. Suas aparições recorrentes na revista demonstram o quanto a personagem já era famosa naquela época e o apelo que exercia sobre as crianças. Na segunda parte do capítulo foi possível perceber que a presença de Carochinha continuou forte na produção cultural direcionada à infância, também na segunda metade do século XX, permanecendo até os dias de hoje. Além dos livros com reescrituras da fábula, foi possível verificar adaptações de sua história para outras mídias, como série televisiva, peça de teatro, audiolivro, etc. Essas adaptações atualizaram a personagem e constituíram as razões por meio das quais Carochinha permaneceu viva na cultura brasileira. Sem elas, é provável que a personagem ficasse restrita ao passado.

No último capítulo, foi realizada uma análise comparativa entre a primeira versão brasileira da fábula de Carochinha, encontrada durante os levantamentos realizados nesta pesquisa, a de Figueiredo Pimentel, e a adaptação de Ana Maria Machado, uma das mais reconhecidas escritoras da literatura infantil brasileira da atualidade, que tem como ponto de partida a versão do português Adolfo Coelho — que, por sua vez, possivelmente, circulou no Brasil antes da versão de Pimentel ser publicada. Essa análise esteve centrada em pontos importantes do enredo e nas ilustrações que acompanham as obras. Considerando a passagem de tempo entre as versões analisadas e suas ilustrações, percebe-se que a figura de Dona Carochinha sofre um distanciamento crescente dos seres humanos. Suas características tornam-se cada vez menos antropomorfizadas e ela volta a ser o que é: uma barata. O mesmo ocorre com os outros personagens do conto. O cavalo deixa de usar terno e volta a andar sobre quatro patas. Distanciando-se da imagem humana, também as questões pertencentes a este mundo tornam-se menos importantes e o conto perde seu caráter moralizador, proporcionando mais liberdade para as personagens terem atitudes que não são consideradas adequadas aos seres humanos, como comemorar a morte do noivo como forma de empoderamento feminino, o que, metaforicamente, representa a luta das mulheres do século XX e XXI pelo fim dos privilégios masculinos e do machismo, historicamente presentes na sociedade brasileira.

A partir de um breve levantamento histórico sobre a presença de Dona Carochinha no Brasil e da análise de reescrituras selecionadas de sua história, foi possível constatar a versatilidade da personagem, bem como que foi por meio das adaptações pelas quais passou, que se manteve viva na infância brasileira, através das gerações. Carochinha é multifacetada,

tem uma origem diversa e está intimamente ligada à formação da literatura infantil brasileira, estando presente em todos os marcos históricos desse gênero (Primeira fase: Figueiredo Pimentel; segunda fase: Monteiro Lobato; *boom* da literatura infantil e juvenil / atualidade: Disquinhos, Sítio do Pica-Pau Amarelo - TV, Ana Maria Machado, etc.).

Quanto aos objetivos iniciais da pesquisa, a meta de traçar um breve panorama das reescrituras do conto “História de Dona Carochinha”, publicado após a versão de Figueiredo Pimentel e, também, da inserção cultural dessa personagem, no Brasil, para além do conto, foi plenamente alcançada. Inicialmente, esperava-se utilizar um único capítulo para tal. Porém, os resultados da pesquisa foram tão proveitosos, que houve a necessidade da utilização de cerca de dois terços do trabalho. Durante o percurso, o objetivo de realizar um estudo de doze versões do referido conto e suas ilustrações, a fim de verificar como a personagem é representada no Brasil, tendo como ponto de partida a reescritura de Figueiredo Pimentel, foi alterada. Em vez disso, foram escolhidas duas das versões mais representativas de cada fase, que possuísem uma distância maior de enredo e temas, um do outro, para que se pudesse aprofundar na análise. Assim, foi possível atingir outros objetivos, entre eles o de descobrir quais as principais mudanças ocorridas nas versões selecionadas (com relação a elementos da narrativa como enredo, personagens, tempo, espaço, etc.), por meio de análises textuais comparativas entre elas, além daquele de caracterizar Dona Carochinha por meio de análise das representações imagéticas e textuais da personagem nas reescrituras selecionadas.

Um resultado final alcançado com o estudo é a descoberta de um leque de possibilidades, para as quais a pesquisa se abre a estudos futuros. Uma delas, por exemplo, é que a pesquisa pode ser ampliada com um novo levantamento de versões brasileiras da fábula de Carochinha e de sua presença em outros textos e mídias, utilizando os métodos descritivo e comparativo com os quais se vem trabalhando. Uma outra possibilidade é a realização de pesquisas a respeito da utilização de edições diferenciadas para fins didáticos, com crianças em idade de alfabetização, uma vez que a fábula tem grande apelo ao público infantil e sua estrutura, que conta com a repetição de eventos e frases, é favorável a uma gama de atividades que podem ser desenvolvidas com a criança em idade escolar. O processo de reescrita de textos conhecidos, com a recuperação dos pontos principais da história é apenas uma delas.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **O tronco do Ipê**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1871. (volume 1). Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4662/1/000159-1_COMPLETO.pdf. Acesso em: 7 dez 2018.
- AMADO, Jorge. Livros Infantis. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, n. 6, p.201-204, jan-fev. 1935. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/139955/per139955_1935_00006.pdf. Acesso em: 07 fev 2018.
- ARNHEIM, Rudolf. **Art and visual perception: a psychology of the creative eye**. Berkeley, Califórnia: University of California Press, 1974.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- A **TRILHA** sonora de sua vida: Carochinha relembra com Telibaldo as músicas que marcaram sua vida. Programa Quintal da Cultura. Direção Bete Rodrigues. Desenvolvimento: Núcleo Infantojuvenil da TV Cultura. 2013. 1 vídeo (8 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oFznYStl0S4>. Acesso em: 05 maio 2019.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. Maranhão: Tipografia do "Paiz", 1881. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018282&bbm/4812#page/6/mode/2up>. Acesso em: 17 set 2018.
- BRAGA, [Joaquim](#) Teófilo Fernandes. **Contos Tradicionais do Povo Português**: com um estudo sobre a novelística geral e notas comparativas. Porto: Livraria Universal, Magalhães & Moniz, 1883.(Volume I: Contos de Fadas, Casos e Facecias). Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/25998/contos-tradicionais-do-povo-portuguez.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em 17 set 2018.
- BRASIL. Lei nº 10.402, de 8 de janeiro de 2002. Institui o dia nacional do livro infantil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10402.htm. Acesso em: 24 maio 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAGNIN, Antonio Luiz. Chiquinho, Buster Brown, a mais brasileira das personagens americanas. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (Orgs.) **O Tico-Tico**: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil. São Paulo: Opera Graphica, 2005. p. 29-33.
- CONEXÃO JORNALISMO. **Bloco da Égua faz a melhor marchinha de carnaval de 2017**: coxinha otário. Disponível em: http://www.conexaojornalismo.com.br/audiencia_na_tv/bloco-da-egua-faz-a-melhor-marchinha-de-carnaval-de--coxinha-otario-video-86-46467. Acesso em: fev 2019
- CARMO, Almino Henrique do,. **Coxinha otário**: marchinha de carnaval do Bloco da Égua. 2018. 1 vídeo (1 min 56s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yb6xS9n77eU>. Acesso em: maio 2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999

CAVALHEIRO, Edgar. **Monteiro Lobato, vida e obra**. 3 ed. Editora Brasiliense, São Paulo, 1962

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COELHO, Adolfo. **Contos populares portugueses**. Lisboa: Dom Quichote, 1879.

COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: 1882–1982. São Paulo: Quíron, 1983.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CHICOSKI, Regina. **Literatura infantil**. Guarapuava/PR: Unicentro, 2010.

Diário de Notícias. Classificação das professorandas de 1959 do Instituto de Educação. **Jornal Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, n.11.399, p.9, 13 jan 1960. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_04&pasta=ano%20196&pesq=%22Figueiredo%20Pimentel%22. Acesso em: jun 2019.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Dicionário de cultura básica**: o conhecimento indispensável, os mitos eternos. E-book. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/38987>. Acesso em 21 jan. 2019.

FERNANDES, Millôr. **Hai-Kais**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2000

FONSECA, Letícia Pedruzzi. A importância da produção de Julião Machado para a modernização da imprensa brasileira. In: **Uma revolução gráfica: Julião Machado e as revistas ilustradas no Brasil, 1895-1898**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 241-267.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. **Lendas e tradições brasileiras**. São Paulo: Tipografia Levi, 1917. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6834>. Acesso em: 17 set 2018.

FREITAS, MARCOS (ilustrador). A Bela e a Fera e outros contos da carochinha. São Paulo: Hedra Freitas, 2001. Autor: PIMENTEL, Alberto

GAZETA DE NOTÍCIAS. *Anúncio da peça de teatro “A baratinha”*. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/6155. Acesso em: 20 dez 2019.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**: sistema de leitura visual da forma. São Paulo: Escrituras Editora, 2009.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução de Maria da Penha Villa Lobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2005.

HODNETT, Edward. **Image and text**: studies in the illustration of english literature. London/Aldershot: Scolar Press, 1986.

HOOD, Tom. Fairy realm: a collection of the favourite old tales. Disponível em: <http://archive.org/details/fairyrealm00hoodrich/page/n10>. Acesso em: jun 2019.

HUECK, Karin. **O lado sombrio dos contos de fadas**. São Paulo: Abril, 2016.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

JORNAL DO Brasil. Contos da carochinha: livro para crianças. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano IV, n.7, p.3, 21 nov 1894. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_01&pagfis=3666. Acesso em: jan 2018.

LAGES, Mário F. **Vida/ Morte e diafania do mundo na história da Carochinha**. Braga/PT: CEPCEP – Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa – Universidade Católica Portuguesa, 2006.

LAJOLO, Marisa. A voz infantil da e na literatura infantil. **Linha D'Água**, São Paulo, n. 5, p. 33-51, 14 abr. 1988. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37090/39812>. Acesso 22 jun 2019

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 3.ed. São Paulo: Ática, 1987. (Série Fundamentos)

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: uma nova, outra história. Curitiba: PUCPR, 2017.

LEFEVERE, André. **Mother courage's cucumbers**: text, system and refraction in a theory of literature. In: VENUTI, Lawrence. (ed.) The translation studies reader. London/ United Kingdom: Taylor & Francis Ltd, Routledge, 2000. p. 233-249.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Globo, 2010

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Globo, 2014

LOBATO, Monteiro. Lucia, a menina do narizinho arrebitado. **Revista do Brasil**, São Paulo/Rio de Janeiro, ano 6, v. 16, n. 61, p.42-50, jan./mar. 1921. Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26286>. Acesso em: fev. 2018.

LOPES, Domingos de Castro. “O Chiquinho d’O Tico-Tico”. **Revista O Tico-Tico**. 1913, ed. 420. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/153079/7059>. Acesso em: jan 2018.

MACHADO, Ana Maria. **Balaio: livros e leituras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente**: conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 2003 .

MACHADO, Ana Maria. **Dona Baratinha**. São Paulo: FTD, 1996.

MACHADO, Ana Maria. **Dona Baratinha**. São Paulo: FTD, 2004.

MACHADO, Ana Maria. **Histórias à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

MAIA, M. História da carochinha: dueto. **Revista O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, ano XXIV, n.1220, p.24, 20 fev 1929. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1929_01220.pdf. Acesso em: jan 2018.

MANHÃES, Carlos. **O casamento de D. Ratinho**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=153079&pagfis=26054>. Acesso em: jan 2018.

MAZIEIRO, Maria das Dores Soares. **Arnaldo de Oliveira Barreto e a biblioteca infantil Melhoramentos (1915-1925): histórias de ternura para mãos pequeninas**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2015. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/alle/teses_dissert_tcc/arquivos/tesecompleta_mariadasdoresmazziero.pdf. Acesso em mai 2019.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NODELMAN, Perry. **Words about pictures: the narrative art of children’s picture books**. Athens: University of Georgia Press, 1988.

O CASTELO encantado: conto da carochinha. **Revista O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, n.13, p.3-4, 03 jan 1906. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1906_00013.pdf. Acesso em: jan 2018.

PEREIRA, Nilce Maria. **Traduzindo com imagens: a imagem como reescritura, a ilustração como tradução**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: doi:10.11606/T.8.2008.tde-03092009-172824. Acesso em: 10 jan 2020.

PIMENTEL, Figueiredo. Capa de **Contos da Carochinha**. Rio de Janeiro: Quaresma, 1931. Disponível em: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=333971>. Acesso em 9 jun 2019.

PIMENTEL, Figueiredo. **Contos da Carochinha**. 25. ed. Rio de Janeiro: Quaresma, 1958.

PIMENTEL, Figueiredo. **Contos da Carochinha**. Belo Horizonte: Villa Rica, 2005.

PIMENTEL, Figueiredo. **Histórias da Avozinha**. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bn000137.pdf>. Acesso em: 22 jul 2019.

PINHEIRO, Luana Simões. **Vozes femininas na política**: uma análise sobre mulheres parlamentares no Pós-Constituinte. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2007.

Quaresma Livresiros e Editores. Contos da Carochinha: livro para crianças contendo sessenta contos populares, moraes e proveitosos de vários paízes. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXI, n.3, p.6, 3 jan 1895. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&PagFis=11110. Acesso em: jul 2019

Quaresma Livresiros e Editores. Livro para Creanças. **Revista O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, n. 323, p.16, 13 dez 1911. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1911_00323.pdf. Acesso em: jul 2019.

REGO, José Lins do. **Histórias da velha Totônia**: um clássico infanto-juvenil. Ilustrações Tomás Santa Rosa. 11.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

REGO, José Lins do. **Histórias da velha Totônia**. Ilustrações de Jô Oliveira. Brasília: Confraria dos Bibliófilos do Brasil, 2015

RIBEIRO, João. **O folk-lore**: estudos de literatura popular. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

RIBEIRO, Maria Augusta Hermengarda Wurthmann; ZANON, Jamille Said Werneck. **Guia de leitura de Reinações de Narizinho de Monteiro Lobato**. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 14; CONGRESSO DA HISTÓRIA DO LIVRO E DA LEITURA NO BRASIL, 2, 2003, Campinas/SP. **Anais [...]**. Campinas: UNICAMP. Disponível em: alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais14/Sem09/C09037.doc. Acesso em: 21 out. 2019

ROCHA, A. As perdizes e os coelhos. **Revista O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, ano XXI, n.1067, p. 23, 17 mar 1926. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=153079&pagfis=23327>. Acesso em: jan 2018.

ROMERO, Silvio. **Contos populares do Brasil**. Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6852>. Acesso em: fev. 2019.

ROVERI, Sérgio. **Tatiana Belinky: e quem quiser que conte outra**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007

SILVA, Lenice Bueno da. **Histórias da Carochinha**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.

SCHWARCZ, Joseph. Ways of the illustrator: visual communication in children's literature. Chicago: American Library Association, 1982.

SOUSA, Maurício de. **Turma da Mônica**: contos da carochinha. Barueri/SP: Girassol, 2016.

TRANCOSO. História da carochinha. **Revista O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, ano XXIX, n.1377, p.20, 24 fev 1932. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1932_01377.pdf. Acesso em: jan 2018.

WANDERLEY, E. **História da Carochinha**: dueto. 1 partitura. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/153079/per153079_1929_01220.pdf. Acesso em: jan 2018.

YANTOK. “Ilustração de Carochinha e João Ratão”. **Revista O Tico-Tico**, 1913, ed. 425. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/153079/7210>. Acesso em jan 2018. Acesso em: jan 2018.